

Automutilação e ideação suicida: um drama da adolescência na atualidade

Self-mutilation and suicidal ideation: a drama of adolescence today

DOI:10.34119/bjhrv4n4-009

Recebimento dos originais: 05/06/2021

Aceitação para publicação: 03/07/2021

Sílvia Cristina de Vargas

Doutoranda em Psicologia na Universidade de Buenos Aires - UBA
Universidade da Região da Campanha – URCAMP
Rua Marechal Deodoro, 161 – Centro, Bagé /RS
psi.silviavargas@gmail.com

Stéfani Machado Romero

Acadêmica do curso de psicologia da Universidade da Região da Campanha -
URCAMP
Universidade da Região da Campanha – URCAMP
stefanimachadoromero@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a automutilação e a ideação suicida, suas similaridades e diferenças, enfatizando o sofrimento emocional presente nos dois comportamentos e a possibilidade de eles também aparecerem juntos. Justifica-se pela necessidade de visibilidade da adolescência e seus processos, para que as transições pelas fases da vida tenham um olhar mais compreensivo e esclarecedor. Tem como objetivo relacionar o advento das TICs e sua relação com a ASIS, e desmistificar a chamada 'rebeldia' como um processo psicológico e neuro cognitivo. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, com ênfase no comportamento autolesivo e a ideação suicida. Considera-se de suma importância a desestigmatização da ASIS como ou drama ou um tabu, realçando a necessidade do diálogo, do entendimento do desenvolvimento humano e das necessidades e características psíquicas dos adolescentes.

Palavras-chaves: Ideação suicida, automutilação, adolescência, sofrimento emocional.

ABSTRACT

The article analyzes self-mutilation and suicidal ideation, their similarities and differences, emphasizing the emotional suffering present in both behaviors and the possibility that they may also appear together. It is justified by the need for visibility of adolescence and its processes, so that the transitions through the phases of life have a more comprehensive and enlightening look. It aims to relate the advent of ICTs and their relationship with ASIS, and to demystify the so-called 'rebellion' as a psychological and neuro-cognitive process. The methodology used was a literature review, with emphasis on self-injurious behavior and suicidal ideation. The destigmatization of ASIS as either a drama or a taboo is considered of utmost importance, highlighting the need for dialogue,

the understanding of human development and the psychic needs and characteristics of adolescents.

Keywords: suicidal ideation, self-injury, adolescence, emotional distress.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo cada vez mais acelerado e repleto de possibilidades. Segundo a Organização Pan Americana de Saúde/ Organização Mundial da Saúde, diagnósticos como ansiedade e depressão vem crescendo em proporções alarmantes, especialmente nas últimas décadas, e o adoecimento emocional se manifestando em pessoas cada vez mais jovens.

A tecnologia nunca esteve tão presente na vida das pessoas, por um lado promovendo encurtamento de distâncias e, por outro, servindo como multiplicador de angústias, fomentando manchetes e *Fake News* ao redor do planeta. O mundo foi potencialmente virtualizado e, nesse processo, uma camada específica da população, os jovens, passaram a desfrutar dela em larga escala, muitas vezes sem condições de filtrar o que estão consumindo.

Para a OPAS/OMS, a adolescência é alvo constante de discussão, seja pelo período que de fato abrange, pelos aspectos que são característicos as suas fases, as possíveis patologias e psicopatologias a ela vinculadas. Alguns transtornos são específicos à adolescência e ou costumam manifestar-se nesta etapa do desenvolvimento. Assim, no intervalo de tempo que seria oportuno e adequado para que os jovens começassem a conquistar, ampliar e ou testar seus limites de trânsito e liberdade, a transformação social e o advento das TICs, limitaram muitos deles ao espaço virtual, corroborando assim como um propulsor para aumento de sintomas e transtornos que já seriam comuns a essa fase da vida.

Neste contexto, buscamos investigar, a partir de uma revisão bibliográfica, o que é a adolescência, seu conceito, como se define e suas principais características, bem como duas situações pontuais vistas como fenômenos da atualidade e ainda muito pouco estudadas em nosso país, que são a prática da automutilação ou autolesão e a ideação suicida, enquanto sintomas. A discussão do tema em tela surge a partir do trabalho na clínica psicológica realizada no ano de 2019 pelos estagiários do último ano do curso de Psicologia, no SEPA - Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Instituição Comunitária de Ensino Superior URCAMP, que funciona junto ao NPS - Núcleo de Práticas em Saúde,

anexa ao HU - Hospital Universitário na cidade de Bagé/RS, para esse fim utilizou-se a pesquisa ecológica, realizada pelo registro documental dos adolescentes que procuraram o Serviço Escola.

Bagé conta com população estimada em 120 mil habitantes, sendo o SEPA local de atendimento psicológico que atende a comunidade via SUS – Sistema Único de Saúde, funcionando, na época, com aproximadamente 30 estagiários curriculares do último ano do curso de psicologia e voluntários egressos da ICES. O total de pacientes considerado foi relativo aos que procuraram atendimento no intervalo de março à agosto do referido ano, compondo um total de 347 indivíduos, subdivididos em grupos, de acordo com a idade, conforme segue: de 4 a 9 anos somando 56 crianças, equivalente a 16% do total; 139 jovens, com idade de 10 a 24 anos, ou seja, 40% do total; de 25 a 76 anos, 152 adultos, perfazendo 44%; sendo nosso objeto de estudo o intervalo dos 40% de 10 à 24 anos. Dentro desta amostra específica, temos 23,7% ou 33 jovens, que apresentavam os sintomas e comportamento de automutilação e/ou ideação suicida como queixa inicial e ou motivacional para busca do atendimento e, outros 14,3% ou 20 jovens, que relataram estas queixas durante o processo de seu tratamento.

A seleção dos sujeitos foi realizada com base no cadastro, na entrevista inicial, na anamnese e nos registros de sessão dos pacientes em seus prontuários. Contabilizamos que, dos 139 adolescentes no intervalo de 10 a 24 anos, 53 deles apresentavam comportamento sintomático ou queixa de automutilação, ideação suicida ou ainda ambos, sendo decorrente de fatores endógenos, exógenos ou, também, ambos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o suicídio constitui-se, atualmente, em um problema de saúde pública mundial, pois está, em muitos países, entre as três principais causas de morte entre indivíduos de 15 a 44 anos e é a segunda principal causa de morte entre indivíduos de 10 a 24 anos (ESCOBAZA e BORTOLON apud WHO, 2016).

Desta forma, além de conceituar e contextualizar a adolescência, outro fator discutido aqui é se, e como, a exposição e discussão destes sintomas, a participação em grupos de redes sociais, a programação disponível nas plataformas de *streaming*, enfim, as TICs de um modo geral, e conseqüentemente seu alcance e visibilidade, funcionam como multiplicadores dos comportamentos de automutilação e ideação suicida. Buscar compreender esse fenômeno motivou a realização da presente revisão.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O QUE É A ADOLESCÊNCIA

Osório e Valle (2009, p. 265) afirmam que:

A adolescência não é uma fase fácil. A mesma crise de identidade da pré-adolescência mantém-se; em algumas circunstâncias, piora. O adolescente não é adulto (mesmo que exigido em algumas tarefas e resultados); não é criança (mesmo que mantido na “cozinha com as crianças” nas horas importantes); não tem vida sexual permitida (mesmo estando com sua energia de sexualidade “a mil por hora”); não é bonito nem feio (mesmo que seja e possa ser, não mantém o que enxerga); não é capaz nem incapaz (pode, sabe, quer muito, mas nem sempre acredita que e no que sabe, pode ou quer). Esta é uma fase de angústias, ansiedades e indefinições, e é muito importante que as pessoas que estão próximas de adolescentes lembrem-se disso.

Podemos entender que, segundo o autor, a adolescência se faz um período altamente propício a conflitos, dos mais diversos, constitui-se ainda como um intervalo pouco compreendido entre a infância que, anteriormente se estendia por um tempo maior e findava na vida adulta, que se iniciava bem mais cedo.

De acordo com a lei nº 8.069 de 1990, que dispõe sobre o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Neurologicamente, estudos sobre a adolescência estão sendo desenvolvidos e aprofundados e grandes avanços foram feitos a partir dos exames de imagem que detectam o amadurecimento do cérebro humano ainda não desenvolvido totalmente até o final dessa fase que pode se estender até os vinte e quatro anos.

Agora, estudos de imageamento revelam que o cérebro do adolescente ainda é uma obra em andamento. Mudanças dramáticas nas estruturas cerebrais envolvidas nas emoções, no julgamento, organização do comportamento e autocontrole ocorrem entre a puberdade e o início da vida adulta. (PAPALIA e FELDMAN, p. 392, 2013)

Embora os estudos científicos confirmem e avalizem qual o período que define a adolescência, o assunto ainda gera muita controvérsia e discussão nas mais diversas esferas na atualidade.

A análise cultural do que constitui um adolescente, é moderna do ponto de vista da reinvenção de processos do desenvolvimento.

A adolescência é uma construção social. Esse conceito não existia nas sociedades pré-industriais; as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam um aprendizado profissional. Foi apenas no século XX que a adolescência tornou-se um fenômeno global,

embora ela possa assumir formas diferentes em culturas diferentes. (PAPALIA e FELDMAN, p. 386, 2013)

A análise psicológica, sugere essa fase como um período de luto. A infância, fase que antecede a adolescência, possui sonhos, fantasias e um contato específico com o seu real, a transição para o amadurecimento e o início da puberdade leva a perda daquele corpo e construção que são familiares. A reinvenção contínua do adolescer, mudanças cognitivas, físicas, sociais e comportamentais vividas induzem a uma despersonificação, um momento que não condiz com a experiencial libidinal que se está acostumado. Essa nova realidade inclui novos grupos de relacionamentos e vínculos amorosos, estes podem estar dentro das capacidades subjetivas do psiquismo de cada sujeito ou, se não estiver, ocorrerá o sentimento de sobrecarga e uma demanda insuficiente a sua fantasia.

A exploração dos pensamentos e dos sentimentos suicidas não apenas é de importância crítica no manejo prático da pessoa deprimida, mas também oferece uma das mais valiosas rotas para compreendê-la. A discussão do suicídio, assim como a de qualquer ato completo, poderá ser dividida na consideração dos motivos ou impulsos e nas estruturas reguladoras e controladoras que interagem com esses motivos. (MACKINNON, MECHELS e BUCKLEY, 2018, p.199)

Freud (2010), relata que o quadro clínico da melancolia tem como base uma insatisfação com o próprio eu, defeitos físicos, feiura, debilidade, inferioridade social e empobrecimento. Transformações fazem parte das mudanças da vida, podendo haver um desconhecimento do Eu, com uma personalidade diferente e em desenvolvimento, a não aceitação desse eu pode gerar conflito assim como uma grande dificuldade de adaptação. A desorientação com a imagem no espelho, diferente e que ainda muda, pode gerar angústias e não aceitação. Além do ‘desconhecido’ surge a necessidade de autonomia, o modo de se posicionar no mundo, carregando uma bagagem de experiências passadas e atuais.

2.2 A ETERNIDADE LIMITADA DA ADOLESCÊNCIA

“A vida é entediante e fútil. A gente começa com grandes expectativas, depois descarta todas elas. Percebemos que vamos todos morrer sem descobrir as grandes respostas”. (WELSH, 2004, p.97 apud CORSO e CORSO, 2018, p 160). Em concordância com Diana e Mário Corso, que trazem *Trainspotting*, filme lançado em 1996, dirigido por Danny Boyle, que abrange um grupo de adolescentes que, sem aceitar essa forma de prazer baseada no status social começam a usar drogas, uma constituição errônea de uma personalidade perdida. Heroína, a droga utilizada no filme, é injetável e,

por contrariedade, também fornece um prazer instantâneo, ‘a flor da pele’, colocar algo pra dentro do corpo que traga algum significado e motivo a existência.

Em resumo: o sucesso do filme pode ser creditado ao fato de ele dizer tão cruelmente, como ninguém o tinha feito, que a droga pode ser também um subproduto indesejável, mas inevitável, da organização da sociedade focada no consumo. O filme faz esse elo, começa e fecha falando da opção do herói pela escolha de um tipo de vida, integrado ou marginal, escolha que passa por uma decisão do que comprar, do que usar, do que possuir, uma escolha entre objetos no grande supermercado da vida. (CORSO e CORSO, 2018, p. 161)

Os meios de produção, como o capitalismo que vigora atualmente no Brasil e o aparelho ideológico da família que muitas vezes é guiado por religiões e a comunicação que incentiva o consumismo trazendo a satisfação imediata da vida adulta e a superação de seus problemas na aquisição de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, roupas que estão na moda, entre outros, diminui em partes o significado e a vontade de crescer.

Corso e Corso (2018), ainda trazem a preparação parental como dificultador para o processo do adolescer e a aceitação de mudanças e sofrimentos. Citando que poupar os filhos da dor, ou elevar as asperezas da vida fazem com que o desejo de fugir de si mesmos seja elevado para que essa fase de luto e mudanças se transforme em uma ‘rebeldia’ sem bons propósitos. A inserção pandêmica dessa época da vida no desenvolvimento dos indivíduos, onde houve um estágio de epidemia do adolescer com o surgimento de estudos neuro cognitivos e psicológicos que demonstram que após a infância, o ser humano ainda não é neurologicamente adulto, muitas vezes é rotulada por rebeldes com desejo de serem eternamente jovens. A juventude quebra paradigmas e esperanças, é uma vivência atual de descoberta da personalidade e encaixe.

3 COMPORTAMENTO DE AUTOMUTILAÇÃO E IDEIAÇÃO SUICIDA

O comportamento auto lesivo não apresenta a intensão de suicidar-se, mas pode estar relacionado a uma ideação suicida, uma vontade de desaparecer ou, contrariamente, de fazer parte. O *cutting* pode ser considerado um alívio da dor psicológica gerada por inúmeros motivos, tais como abusos, negligencias, ansiedade, depressão, entre outros. Sentir a dor psicológica, normalmente conseguindo visualizar o sangue saindo do ferimento denota o símbolo da vida. Porém, a automutilação também pode ser um comportamento por efeito de contágio. Fazer parte de um grupo é muito normal e necessário na adolescência, mas nem sempre fácil. Se cortar pode ser um sistema de inserção, se todos do grupo se cortam e compartilham de pensamentos depressivos, para ser aceito, é preciso fazer o mesmo.

O Brasil precisa, urgentemente, dimensionar a extensão da ocorrência da ASIS e sua relação com ideação suicida de forma mais abrangente em seu território. Tais estatísticas são desconhecidas até mesmo para os estados mais adiantados. Precisamos de informações epidemiológicas válidas e abrangentes para se pensar estratégias de intervenção e, ainda mais importante, desenvolver planos de prevenção deste comportamento em todo o território nacional, percebe-se, até mesmo intuitivamente, que o ambiente das escolas participa do problema, tanto pela questão de ser um lócus de prática de ASIS, assim como um lócus importante do efeito do contágio social da ASIS. (ARAGÃO NETO, p.118, 2019)

Aragão (2019), traz a ASIS - Autolesão Sem Intenção Suicida, evidenciando a não existência de estudos no Brasil que conectassem esse comportamento ao ato de suicídio. O ato de lesionar-se pode vir com o *cutting*, queimando o corpo, se batendo, se arranhando, entre outras lesões.

A linguagem que se refere a comportamentos autolesivo, como cortar-se, queimar-se, bater em si mesmo ou contra a parede, arranhar-se, entre outros, vem sendo alterada desde a década de 1990. O termo mais utilizado, inicialmente, foi “automutilação” (self-mutilation); porém o que mais se popularizou foi “autolesão” (self-injury) ou “autolesão sem intenção suicida” (nonsuicidal selfinjury) (Walsh, 2012). Outra terminologia encontrada com frequência é “auto dano deliberado” (Deliberate Self-Harm – DSH), que inclui todas as formas de comportamento autolesivo, com ou sem intenção suicida, sendo um termo genérico, contemplando também atos como auto envenenamento sem intenção suicida (ARAGÃO NETO, p.17, 2019 apud PLENER et al., 2016)

A automutilação se contradiz com o suicídio, segundo Metzger e Junior (2010), uma enfatiza a pulsão de vida e outra a pulsão de morte. Ambas se conectam com sentimentos conflitantes como a angústia e a autopunição. O alívio da angustia na dor física, temporário e dolorido vem em conjunto com a sensação de não ser necessário e se punir por atos e pensamentos. Conflitos de *cutting* não resolvidos, a continua necessidade de se machucar para se sentir vivo, a negligência, falta de um apoio podem levar a pulsão de morte e ao ato de suicidar-se.

3.1 O QUE PODE GERAR A ASIS E A IDEACÃO SUICIDA

ASIS e ideação suicida se divergem em alguns pontos, marcados por atitudes e pensamentos, que levam adolescentes a se auto lesionarem e não terem a intenção de suicidar-se ou, casos de suicídio que não demonstraram *cutting* e/ou outras formas de lesão contra si mesmo. Porém, muitos problemas ocorridos na infância e em sua trajetória para a adolescência podem acarretar um desses dois comportamentos, e até ambos. “Diversos estudos conduzidos nos Estados Unidos e Europa mostram correlação entre abusos (emocional, físico e sexual) sofridos na infância e a prática de ASIS no decorrer

da vida.” (ARAGÃO NETO, p.104, 2019 apud Colleen & Luik, citado por Claes & Muehlenkamp, 2014)

ASIS é relatado, muitas vezes, como o alívio de uma angustia, uma dor psíquica mal elaborada, “curando” outra dor. Essa dor contínua causada pela autolesão, pode vir a se tornar insuficiente. “A maioria dos atos de ASIS não são acompanhados por comportamento suicida; entretanto, as evidências sugerem que quem pratica ASIS está mais sujeito a tentar suicídio do que aqueles que não praticam.” (ARAGÃO NETO, p. 29, 2019).

Os abusos, acarretam grandes problemas emocionais e psicossociais que podem interferir no modo como o sujeito visualiza sua vida e os pares. Independentemente do abuso sofrido, normalmente ele é seguido de problemas futuros. Caso não seja tratado da forma adequada, em psicoterapia e com o amparo de pessoas próximas que possam acolher a vítima, pode se transformar em um sentimento de culpa, muitas vezes sentido pelas vítimas de abusos sexuais e até mesmo a ideação suicida.

Muitas vítimas desenvolvem ansiedade, depressão, estresse pós traumático, pânico, pesadelos e culpa por terem uma vida promíscua reativa. Não se trata de julgamento moral, nem daquelas que se trancam, evitam qualquer tipo de relação e parecem pudicas, fora de seu tempo; nem daquelas que tem sexualidade compulsiva. Trata-se de algo sofrido para as próprias mulheres. Elas passam a ter uma vida tensa e há as que chegam ao ponto de tentar o suicídio. (ARAUJO, 2020, p.252)

4 ADOLESCÊNCIA E TICS

O acesso à tecnologia, na era de nativos digitais está presente em vários ambientes, escola, família e entretenimento. Esta presença é um facilitador para que, em diferentes momentos da vida, o adolescente recorra as TICs, amigos on line e não a família, ao suporte de ajuda necessário. Jovens em vulnerabilidade que recorrem aos aparelhos podem ser uma presa fácil na disseminação de jogos e desafios que influenciam o suicídio como baleia azul e momo. Baleia azul apareceu mundialmente entre 2017 e 2018 e foi um ‘jogo’ com 50 desafios, o início era algo mais simples como ouvir uma música depressiva, a cada desafio agravava, até o último desafio ser o suicídio. A boneca momo, escultura criada em 2016, aparecia em vídeos infantis ensinando as crianças se automutilarem, ensinando como proceder para o *cutting* e para suicidar-se.

A Organização Pan Americana de Saúde/ Organização Mundial da Saúde trazem dados sobre o suicídio e sua prevalência, alertando não apenas para o número de suicídios

registrados, mas também para o que ele afeta, o sofrimento não está apenas com o suicida, também está com os familiares e amigos que ficam.

A cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta suicídio. Cada suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros e tem efeitos duradouros sobre as pessoas deixadas para trás. O suicídio ocorre durante todo o curso de vida e foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo no ano de 2016. (OPAS/OMS).

Além disso, OPAS/OMS aponta que “para cada suicídio, há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano. A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral.”

O ato de cometer o suicídio é o estopim de uma crise psicológica não resolvida, a análise desse sofrimento é importante e eficaz para que esse ato seja evitado. Muitas vezes, tirar a própria vida deriva de uma raiva do outro, de alguém que lhe causa angústia, mal estar, um sentimento de invalidez perante o mundo. Esse alguém pode ser um abusador, independentemente do abuso, esse jovem pode estar sofrendo *bullying* ou, com a disseminação das TICs, o *cyberbullying*.

O impulso de cometer suicídio poderá estar relacionado a um impulso de matar alguém mais. O suicídio poderá servir como uma maneira de controlar suas próprias agressões, como uma mudança da agressão contra o *self*, ou como uma maneira de assassinar outra pessoa que foi psicologicamente incorporada pelo indivíduo suicida. (MACKINNON, MECHELS e BUCKLEY, 2018, p.200)

4.1.13 *reasons why*

Em 2017 o serviço de *streaming* - Netflix lança a série *13 reasons why*, traduzida para o português como Os 13 porquês, a série retrata a vida de uma adolescente, jovem, branca, de classe média e família aparentemente estruturada que sofre os dramas e angústias da adolescência, Hannah Baker, interpretada pela atriz Katherine Langford, comete suicídio e deixa fitas, cada uma com um motivo que ela gravou antes do ato, demonstrando uma cobrança de padrões, de encaixe na beleza e no status.

Ela enfrenta a selvageria da cultura de aparência em que vivemos, encenada naquele hábito, tão popular nos seriados norte-americanos, em que o ensino médio equivale a uma espécie de ilha onde são confinados os piores exemplares da espécie humana. (CORSO e CORSO, 2018, p. 171 e 172)

Analisando o suicídio de Hanna, com grande parte dos seus motivos não tendo ocorrido dentro do ambiente escolar ou com colegas, mas em outros ambientes, pode-se

apontar para uma alienação das atividades com teor pedagógico que deveriam auxiliar os alunos na transição de etapas e valorização das bordas que cada idade oferece.

A relevância de escutá-los não decorre de eles tenderem realmente a matar-se somente por estar atravessando essa fase, mas sim de inevitavelmente se questionarem sobre o sentido da vida e pensarem bastante sobre o que os motivaria a passar para a próxima fase e com que forças fazê-lo. (CORSO e CORSO, 2018, p. 173)

A ideação suicida não é o ato, é o não entendimento do seu papel, do seu valor, a adolescência é algo novo, algo que tende a ser confuso e os jovens se perdem para tentar se achar. É uma fase em que os grupos aumentam e com eles, aumentam os motivos para a ideação, se monta um novelo de acúmulo paulatino. Adolescer de forma limítrofe e em conjunto, sem o auxílio necessário para que essa ideação seja apenas um desencontro e não gere um ato, uma perda de vida, uma pulsão de morte.

Em Os 13 porquês, o sofrimento de Hanna é o centro, existe um egocentrismo na busca por significado, adolescer é visualizar que a próxima etapa requer o crescer, motivo que leva a essa ideação, a falta de significado no crescimento e o apego a dependência e a valorização exacerbada da infância.

A mudança hormonal que é vivenciada na adolescência, com sentimentos voláteis e uma personalidade social em formação, é acompanhada por interesses amorosos que podem ser consolidados nessa idade em que é possível ter um namoro real, uma relação real. A cobrança para que esse relacionamento aconteça também está no sistema de inserção e exclusão.

A busca do amor por parte das adolescentes nutridas pela fantasia romântica que se colou na feminilidade esbarra na afirmação viril, que coloca o sexo oposto na condição de objeto descartável. (CORSO e CORSO, 2018, p. 174)

A competição ligada a quantidade, em que o sexo masculino que mais teve relacionamentos é o mais disputado, e a menina que teve alguns relacionamentos é desvalorizada, pode ser um pedaço do novelo da ideação suicida de querer sumir ou, necessitar se sentir existente, o *cutting* usado para alívio da angústia, para chamar atenção, fazer parte.

A culpa do suicídio está retratada nos pares e não em um problema psicológico ou transtorno que poderia ser resolvido caso a família ou a escola tivessem o diálogo sobre suicídio. Uma conversa sobre o assunto não o torna necessariamente mais possível de acontecer, pode prevenir e servir como ajuda. Em uma pesquisa realizada pela revista ÉPOCA, no ano de 2017 relata que pesquisas online relacionadas ao suicídio tiveram um

aumento após o lançamento da série, com objetivo de informação para cometer e para prevenir.

A expressão “como cometer suicídio” teve um aumento de 26% nas buscas, seguida por “pensamentos suicidas” e “citações sobre suicídio”. As expressões “cometer suicídio” e “como se matar” aumentaram 18% e 9%, respectivamente, no período. Por outro lado, a procura por termos ligados à **prevenção**, como telefones de centros de valorização da vida, também aumentou, cerca de 20%. O que significa que a série também pode ter dado sua contribuição para aumentar a discussão sobre o problema. (BUSCATO, Marcela, 2017)

Os 13 porquês, assim como Os Sofrimentos do Jovem Werther, escrito por J. W. Goethe em 1774, tem em sua semelhança a possibilidade do efeito *copycat*, imitação, em que um jovem apresentado num livro, uma pessoa famosa, uma série ou um canal de grande visibilidade, retrata um caso de suicídio, é mais comum que esse ato seja contagioso do que quando quem comete não tem grande visibilidade.

4.2 O ADVENTO DAS TICS E OS NATIVOS DIGITAIS

Crianças e adolescentes geralmente vivem confinados em apartamentos. Frequentam aulas de esporte ou dança, o que é diferente de jogar com os amigos, lutar de brincadeira ou dançar por prazer. Na escola, a pedagogia costuma ser pouco interativa, o conhecimento raramente dialoga com suas dúvidas e hipóteses, não se leva em conta que eles pensam, aliás ninguém espera que eles realmente façam isso. O recreio é breve demais para toda a demanda represada de liberdade. (Corso e Corso, 2018 p 291)

Corso e Corso (2018), discutem a mudança de vida dos adolescentes, tão criticadas pelos adultos, imigrantes digitais. Com o aumento da população, a urbanização e modernização tão em alta, a época da rapidez corrompeu a vida em aldeia, onde todos tinham intimidade com seu grupo e se sentiam parte de algo que estava presente em seu dia a dia. A facilidade de colocar um filho em uma escola que ensine a brincar é mais viável do que abdicar de algumas tarefas para a construção de uma socialização em pares, segura e real.

Os psicanalistas ainda trazem, a fragilidade na construção das relações e o fácil acesso a pornografia, sites de diferentes assuntos e conversas com pessoas de qualquer canto do mundo. Relacionando isso com a ASIS, pode se analisar o ponto positivo, que a ajuda está mais perto e acessível. O lado negativo é a facilidade de indução a sites e páginas nas redes sociais que romantizem a autolesão e o suicídio, ensinando técnicas e como proceder.

O nativo digital, em geral, está mais envolvido sensivelmente com o saber digital, portanto sua interação com a cultura digital é mais da ordem do sensível do que do inteligível. Já o imigrante digital tem um contexto diferente. Ele não nasceu imerso na cultura digital, por isso seu contato com os aparatos tecnológicos é mais tardio. Daí o seu envolvimento ser mais da ordem do inteligível do que do sensível. (COELHO; COSTA, 2018)

O nativo digital, tem um apego emocional com o mundo tecnológico maior do que quem não teve isso em seu desenvolvimento. Por isso, os conteúdos são interpretados de forma mais sensível e fugir deles pode ser mais difícil. Se inserir no mundo digital é entrar em algo sem um laço afetivo construído e relacionado com sua socialização habitual. Podendo assim, analisar seus prós e contras, coisa que, com um laço sentimental seria mais difícil. As TICs propagaram sua comunicação e informação, os adolescentes, procuram os pares de uma forma diferente, uma aceitação e a imaginação que lhes foi tirada e devolvida de forma mais remota.

5 CONCLUSÃO

Ao final deste artigo, em conjunto com a pesquisa realizada a partir do trabalho na clínica psicológica realizada no ano de 2019 pelos estagiários do último ano do curso de Psicologia, no SEPA - Serviço Escola de Psicologia Aplicada da Instituição Comunitária de Ensino Superior URCAMP, que funciona junto ao NPS - Núcleo de Práticas em Saúde, anexa ao HU - Hospital Universitário na cidade de Bagé/RS, fica reforçada a importância de desmistificar o que é e como ocorre a ideação suicida e a autolesão sem intenção suicida.

A adolescência é uma fase transitória entre a infância e a vida adulta que requer um suporte psicológico maior. Os adolescentes de hoje são nativos digitais, tem grande influência e familiaridade com os eletrônicos e suas possibilidades e, conseqüentemente, sofrem a interferência destes a sua saúde mental e cognitiva, podendo por vezes promover a romantização patológica de situações nocivas e até mesmo a reproduzi-las.

Acreditamos ser importante ressaltar que as TICs não estão presentes apenas no mundo dos jovens, essas plataformas têm um grande fator influenciador na imagem que os adultos criam deles, fazendo com que, ela sozinha, não desestabilize tanto quanto um conjunto de motivos que um adolescente pode ter, desmerecendo assim, por vezes, seus sentimentos conflituosos e rotulando como rebeldia. Vale repensar que a autolesão e o suicídio não necessitam de apenas um fator desencadeante e sim de situações multifatoriais, reforçando a inexistência da causa única. Uma família desestabilizada, que

não percebe o sofrimento emocional do jovem, que não monitora as visitas às páginas disponíveis *online* ou mesmo a conversa com seus pares, pode não perceber o estreitamento do contato com pessoas que manifestam e disseminam a ideação suicida e ou o comportamento auto lesivo.

A necessidade do jovem de pertencimento, de estar em um grupo, uma turma, sentir-se identificado com alguém ou alguma ‘ideologia’ e distanciar-se da tortura emocional do adolecer, de estar sob o controle de seus responsáveis, reduz amplamente suas condições, ainda em desenvolvimento, de exercitar sua criticidade e estabelecer bons padrões de escolhas.

Encerramos sabendo que muito ainda há para discutir e para se fazer. Com intuito de ampliar nosso conhecimento e entendimento sobre este drama da adolescência, retomamos neste ano as pesquisas e estudos referente a este tema, junto ao Serviço Escola afim de que possamos aprofundar nossos conhecimentos e contribuir de forma mais efetiva.

REFERÊNCIAS

1. ARAGÃO NETO, Carlos Henrique de. **Autolesão sem intensão suicida e sua relação com a ideação suicida**, 2019. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de pós-graduação em psicologia clínica e cultura. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
2. ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.
3. BRASIL, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivi03/leis/l8069.htm> Acesso em: 10 jun. 2021.
4. BUSCATO, Marcela. Série 13 reasons why estimulou ideias de suicídio, diz estudo – As buscas na internet sobre formas de se matar e estratégias de prevenção aumentaram 19% após o Netflix lançara história de Hanna Baker. **Revista ÉPOCA**. [S.I.], [s.n.], 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>. Acesso em: 13 maio. 2021
5. COELHO, Patrícia Margarida Farias, COSTA, Marcos Rogério Martins e MATTAR, João Augusto. Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. **Educação & Realidade [online]**. 2018, v. 43, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623674528>. Acesso em: 05 jun. 2021.
6. CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO Mário. Nativos digitais: ensaio sobre redes sociais, games e pornografia na internet. In. CORSO, D.; CORSO M. **Adolescência em cartaz: Filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 284 – 310
7. CORSO, Diana Lichtenstein. Treze razões para nunca crescer. 13 Reasons Why. In. CORSO, D.; CORSO M. **Adolescência em cartaz: Filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 168 – 180.
8. CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO Mário. A droga ou a vida. Trainspotting. In. CORSO, D.; CORSO M. **Adolescência em cartaz: Filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 168 – 180.
9. ESCOBAZA, Patrícia Martins Luizari e BORTOLON, Gabriela Cristina. Análise do perfil de pacientes internados na faixa etária de 12 a 18 anos com tentativa de suicídio em um hospital terciário do Oeste Paulista. **Brazilian Journal of Health Review [online]** v.4, n.2 Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/viewFile/27741/21949> . Acesso em: 14 jun 2021
10. FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 170 – 194.

11. MACKINNON, Roger A.; MICHELS, Robert; BUCKLEY, Peter J. O paciente deprimido. *In. A entrevista psiquiátrica na prática clínica*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2018. p.185 – 226
12. METZGER, Clarissa e SILVIA JUNIOR, Nelson. Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional. **Psicologia USP [online]**. 2010, v. 21, n. 2021] , pp. 567-583. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300007>. Acesso em: 15 jun 2021
13. OPAS BRASIL: Organização Pan Americana de Saúde/ Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em: 10 maio 2021
14. OPAS BRASIL: Organização Pan Americana de Saúde/ Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 9 maio 2021
15. OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual (org). Manual de terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 2009
16. PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência. *In. Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p. 384 – 419.